

CORPO E GÊNERO: (DES) CONEXÕES COM O CURRÍCULO

Márcia Cristina Rocha Paranhos¹; Mayra Louyse Rocha Paranhos²; Lívia de Rezende Cardoso³

Universidade Federal de Sergipe, mcparanhosufs@gmail.com; mayraufs20@gmail.com; livinha.bio@gmail.com

Partindo de uma visão diversificada quanto as questões de corpo e gênero e as suas relações com o currículo, é perceptível que a formação profissional é baseada numa racionalidade técnica, na qual a cultura acadêmica apresenta especial dificuldade de lidar com as diferenças e subjetividades (CANDAU, 2000; SCHÖN, 2000).

Essa dificuldade pode estar atrelada aos currículos. Ao pensar no processo de formação profissional, nos deparamos com currículos, cuja noção está associada a uma série de disciplinas e conteúdos, que são meramente trabalhados sem que haja um/o diálogo entre o conhecimento que é produzido dentro da academia e as questões culturais, sociais, emocionais dos sujeitos que estão em formação.

É desconsiderado nesses currículos a perspectiva que cada indivíduo apresenta, por exemplo, as crenças acerca de si mesmo, que podem ser libertadoras e/ou limitantes, e são a partir delas que os indivíduos constroem extensas redes de conhecimentos, e, conseqüentemente a formação identitária e subjetiva de cada um. Para Louro (2015) o espaço escolar é um local de reflexão sobre as diversas formas de viver e o currículo contribui de modo acentuado para a formação profissional e individual de cada ser.

Os currículos são focados apenas nos conhecimentos técnicos, deixando de lado o que somos e o que nos tornaremos. “Talvez possamos dizer que, além de uma questão de conhecimento, currículo é também uma questão de identidade. E sobre essa questão, pois, se concentram também as teorias do currículo” (SILVA, 2005, p.15).

Ao pensar nos debates de construção do currículo, Paraíso (2016) aponta-o como um campo de aprender e ensinar por excelência, no qual ensinar vai além do transmitir conhecimento, o mesmo é exposto e explicado, pensado e aceito. A partir dessas compreensões, é preciso refletir na construção de currículos com teorias pós-estruturalistas, bem como nas relações de poder, uma vez que o currículo com concepções tradicionalistas não atua nessas vertentes, e sim, numa abordagem neutra e cientificista (SILVA, 2015).

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe

² Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e do Departamento de Educação (DEDI) da Universidade Federal de Sergipe

Posto essas evidências, o objetivo do nosso projeto é analisar as subjetividades dos discursos que estão sendo (re) produzidos sobre corpo e gênero, durante a formação de profissionais dos cursos do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a partir dos aspectos culturais e das relações de poder.

Quando discorremos sobre o gênero, esse pode ser considerado como algo fixo e imutável, mas temporário e performativo, permitindo, portanto, as desnaturalizações das práticas e significados do que é feminino e masculino (BUTLER, 2003). Para Joan Scott (1995), o gênero é um elemento que permite a distinção entre as dimensões biológicas e sociais, fundando-se na construção das subjetividades.

Diante disso, cabe justificar que o uso do conceito de gênero, nesse projeto, está embasado em considerar gênero como o que “designa o conjunto de sentidos atribuídos a corpos e identidades/subjetividades; e, por extensão, a objetos, espaços e práticas materiais e simbólicos denominados femininos ou masculinos, de forma dicotômica e hierárquica” (CARVALHO et al, 2016, p. 11). Contemplando, portanto, enfoques biológicos e sociais, para a construção do termo.

Por outro lado, dentro de uma perspectiva ampla e não técnica do conceito da palavra, corpo é entendido como aquele que é moldado a partir das mudanças habituais, sejam elas espontaneamente ou em formas de intervenção médica e/ou tecnológica. Assim, “Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados” (Louro, 2000, p. 8). Mediante essa compreensão, podemos refletir e expor nas/as formas de subjetividades dos corpos.

Essa construção social do ser, é associada as relações de saber e poder, postulados por Foucault (2010, p. 155) como modos de governo gestadas a partir de um biopoder, na qual a vida é gerida a partir da inserção controlada dos corpos nos processos sociais, econômicos, políticos e culturais. As estratégias biopolíticas fazem “com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do saber-poder um agente de transformação da vida humana”.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, V. M. O currículo entre o relativismo e o universalismo, dialogando com Jean-Claude Forquin. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, 2000.

CARVALHO, M. E. P. et al. **Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI:** inclusão da perspectiva da diversidade sexual e de gênero na educação e na formação docente. João Pessoa: EDUFPB, 2016.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

LOURO, G. L. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Pedagogias da sexualidade. In:_____. (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.07-34.

PARAÍSO, M. A. Currículo e relações de gênero: entre o que se ensina e o que se pode aprender. **Linhas (Florianópolis. Online)**, v. 17, p. 206-237, 2016.

SCHÖN, D. A. **Educando o Profissional Reflexivo:** um novo design para o ensino e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** Uma introdução às teorias do currículo. Autêntica. 2015.